



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Ruína, Tempo Vivo e Holocausto: a potência da memória em Walter Benjamin

Sonia Kramer¹

Resumen:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre memória, rememoração, reminiscência e alegoria, centrais para Walter Benjamin. Do ponto de vista teórico-metodológico, o texto se baseia nos ensaios O Narrador e Sobre o Conceito de História e em trechos de depoimentos gravados em vídeo e fotografias que mostram acontecimentos - sem distinguir entre os grandes e os pequenos - que constituem peças do passado no presente, ínfimas possibilidades de inquietar o futuro. Pensando criticamente sobre narrativa e verdade, nesta apresentação o foco está em uma memória narrada a contrapelo. Na direção contrária às pesquisas que tratam do silêncio e da impossibilidade de narrar daqueles que sobrevivem situações-limite, onde o esquecimento é sempre ressaltado por ocupar o lugar da lembrança, este trabalho acentua a potência da memória que traz ecos de vozes que foram emudecidas e, simultaneamente, faíscas que arrancam a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela. A experiência de relatar o passado e a de compartilhá-lo como citação torna-se possibilidade de uma educação onde a liberdade e o acolhimento de todas as opções políticas e expressões humanas configuram-se como ética e onde o inacabamento da história é compreendido como condição para mudar o futuro.

¹ Professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Ruína, Tempo Vivo e Holocausto: a potência da memória em Walter Benjamin²

Escavar e escovar: uma leitura das Teses sobre o Conceito de História

A tese 7 do texto Sobre o conceito de história leva a pensar que assim como a cultura não é isenta de barbárie (Benjamin, 1987a, p. 225), não o é tampouco o processo de transmissão da cultura. Para Walter Benjamin, portanto, a transmissão da cultura (ou seja, a educação) não é isenta de barbárie, o que guarda afinidade com Adorno e sua compreensão de que para educar depois de Auschwitz é preciso educar contra a barbárie. Nas palavras do autor, “*qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita*” (1987a, p. 119). Os despojos no cortejo triunfal são restos de uma sociedade que se destruiu e aniquilou os outros nos campos de concentração.

Como desviar-se? O materialista histórico se desvia dela (da barbárie) na medida em que consegue cumprir sua tarefa de escovar a história a contrapelo (Benjamin, 1987a, p.225). Há conciliação entre o inacabamento da vida e a possibilidade de interferir nos caminhos da história (Jobim e Souza e Kramer, 2009, p.9)?

Na tese 8, Benjamin afirma que “*a tradição dos oprimidos ensina que o estado de exceção é a regra*” (1987a, p. 226). Posso aproximar esta afirmação da prática de meu pai (como tantos que viveram e atravessaram situações-limite e processos desumanos) de contar sempre a história por ele vivida a contrapelo. Exemplos disso seriam, de um lado, o modo com que sempre respondia à pergunta “*onde estão os tefilim?*”³ reiteradamente feita por familiares ou amigos em cerimônias ou ritos religiosos dizendo que “*ficaram em Treblinka*”, onde nunca esteve e onde sabia ter morrido sua mãe. Sua doçura e meiguice, seu sorriso constante combinado a um forte “*que não aconteça nunca mais*” também muito repetido em conversas formais e informais, acrescentando ao mote político um “*com ninguém*” nos ensinaram a sentir a dor do outro.

² Trabalho apresentado no III Seminário Internacional Políticas de la Memória “Recordando a Walter Benjamin”. Mesa Temática 28 “Memória e Verdade em Walter Benjamin”. Buenos Aires, outubro 2010. Agradeço à Josy Fishberg pela transcrição da entrevista gravada em vídeo de Szyja Kramer, cujos fragmentos são citados neste texto.

³ Com raiz na palavra *tefilá* (“prece”, em hebraico), nome das duas caixinhas de couro presas a tiras, que contêm um pergaminho com os quatro trechos da Torá (Pentateuco) em que se baseia seu uso. Em português, filactério.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A tradição dos oprimidos faz da exceção a regra. Ter sobrevivido ao genocídio foi exceção, neste caso positiva, pois afirmou a vida, tendo atravessado a morte nos campos de extermínio (que foram, isto sim, o verdadeiro estado de exceção). Mas meu pai foi/é exceção também em outro sentido. Explico: muitos trabalhos, pesquisas, relatos históricos evidenciam que a maioria dos sobreviventes se constitui no silêncio, nunca contando o que tinham vivido. Chialé⁴, ao contrário, sempre falou muito, e o lugar de sua fala era o lugar do narrador, que partilhava sua experiência e expressava sentimentos, conhecimentos e valores aprendidos na coletividade. Aqui dois são os pontos de destaque: ter sempre contado; e ter uma narrativa que tratava dos outros que o ajudavam; que lhe davam comida por ser mais jovem e ter mais chance de escapar; que lhe ensinavam estratégias para sobreviver e contar. Cumpre então esta missão, palavra dada pelo outro: sobreviva para contar. Para que nunca mais se repita “*é preciso que todos saibam*”.

Cabe considerar em relação à questão alguns aspectos. Em primeiro lugar, não falar é a regra que corresponde a viver o estado de exceção, enquanto negar a regra significaria contar o que em geral não é contado: o narrador, segundo Benjamin, tem a faculdade de intercambiar experiências do mundo exterior e do mundo ético, mesmo quando estão em baixa e “*sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis*” (1987a, p.198). Em segundo lugar, no que se refere à rememoração do Holocausto, a maioria se cala (a regra é se calar). Mas é possível viver na direção contrária ao estado de exceção? É isso que significa (sobre)viver? E para que sobreviver ao horror a não ser para contar?

Lembremos que para Benjamin, “*os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer*” (1987, p. 224-225), o que significa que a mudança do futuro está conectada à mudança do passado. A tese 6 começa justamente dizendo que “*articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’.* Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” (1987, p. 224-225). Não é o inimigo aquele que faz calar o outro, perseguindo-o, discriminando, liquidando, aniquilando? O perigo consiste na eliminação e no silêncio imposto a toda e qualquer expressão da diferença (deficientes físicos e mentais, homossexuais, grupos étnicos, culturais e religiosos). Na contramão da narrativa, diluindo a experiência humana, vão sendo impressas

⁴ Meu pai se chama Szyja, nome que em português o fez passar por várias situações engraçadas como por exemplo ser chamado de Dona Szyja. Em polonês pronuncia-se Chia, daí o apelido, em idish, na forma do diminutivo: Chialé.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

marcas de indiferença que agem também “*como a mão do oleiro na argila do vaso*” (Benjamin, 1987a, p. 205)? Reside igualmente aqui o estado de exceção?

Tais reflexões podem contribuir para que se torne possível compreender o lugar da fala de meu pai, os diversos sentidos do seu conteúdo e para pensar meu lugar e de onde é tecido este texto, narrativa de alguém que fala como professora, mulher, intelectual, filha de sobrevivente.

Na mesma direção da tese 7, em que o filósofo fala dos despojos chamados bens culturais carregados no cortejo triunfal da modernidade (p. 225), na tese 9 a história é retratada como tempestade, regra, norma histórica, progresso, cadeia de acontecimentos, “*catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés*” (p.226). Esse anjo da história, cujas asas não podem ser fechadas, deve mover-se contra o progresso.

Para a tese 10, no momento em que os adversários do fascismo foram mortos, derrotados ou traídos, três aspectos da mesma realidade são mencionados: a obtusa fé no progresso desses políticos; sua confiança no apoio das massas; sua subordinação servil. (p.227).

Nas teses 12 e 13, Benjamin volta a tratar do sujeito do conhecimento histórico: descendentes liberados e antepassados escravizados - os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer etc.... A social democracia desaprendeu a pensar nos antepassados escravizados, só sabe se alimentar dos descendentes liberados e tem uma visão de futuro como progresso (1987a, p. 227), sem vínculo com a realidade, que marcha num tempo homogêneo e vazio. A filhos e filhas de sobreviventes, bem como aos que se opõem a que haja escravos, oprimidos, excluídos, descendentes liberados, a nós cabe o compromisso de mudar o passado, como tarefa histórica, a contrapelo da direção esperada, contra o fatalismo que considera que as coisas aconteceram como deveriam acontecer, são como deveriam ser, irão se desencadear linearmente como as contas de um rosário.

Na direção contrária à regra, à norma, à ordem do progresso, a origem é o alvo. Diz o autor na tese 14: “*A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’*” (1987a, p. 229). Tempo denso da experiência vivida, oposto ao tempo homogêneo que aprisiona – como aprisionou Sísifo - este salto de tigre é, para Benjamin, o salto dialético da revolução. Aqui cabe indagar: para educar contra a barbárie, não se faz necessário este salto de tigre, salto dialético na educação, nos processos de formação humana e de transmissão da cultura? Como romper a cadeia de ruínas que constitui a transmissão da cultura e fazer explodir o continuum da história a não ser escutando narrativas, aprendendo com a história, com uma educação que assegure conhecimento do mundo e reconhecimento do outro.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Não por acaso, a tese seguinte (15) trata justamente do conhecimento e sua historicidade, conhecimento como relâmpago, constelação, fulguração, reminiscência tal como ela – repito - relampeja no momento de perigo (p.224). As teses 15 e 16 propõem fazer explodir o continuum da história, o que implicaria saltar pelos ares o tempo presente que não é transição, mas um agora. O pensamento perpassa veloz, pára no tempo e se imobiliza, imagem dialética (Muricy, 1999); dialética do instante oportunidade revolucionária de lutar por um passado não oprimido, vendo na educação sua possibilidade utópica. (Benjamin, 1987a, p.231). A este “agora”, o autor se refere, na tese 18, como modelo messiânico que abrevia num resumo a história de toda a humanidade e coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana (p.232).

Entender este “agora” como dialética imobilizada, configuração cristalizada, ideia-imagem, mônada, permite considerar o campo de concentração como um “agora” que, rememorado, é capaz de revelar a verdade do presente e as possibilidades do futuro?

O método do filósofo assim se configura: na obra, o conjunto da obra; no conjunto da obra, a época; e, na época, a totalidade do processo histórico é preservada e também transcendida. Nessa linha, no Apêndice 1 o presente de novo é citado como um “agora” (p.232), sendo o tempo passado nem vazio nem homogêneo. Jejuar, reminiscência da história de meu pai, poderia ser um “agora” em que se infiltraram traços do messiânico, a versão profana do estado de exceção? *“Ninguém da nossa família deve jejuar. Já jejuei por toda a nossa descendência, por todas e todas as gerações”*. Não jejuar no Dia do Perdão se tornaria emblemático de uma vida reconstruída a contrapelo. Método, enfim, é desvio.

O Apêndice 2 fala ainda de passado, presente, futuro: passado que é reminiscência; presente que não é transição, é agora; futuro que é a porta estreita por onde pode penetrar a qualquer momento o Messias. Mudar o presente, que não é transição, significa mudar o futuro (abrir estreitamente a porta?) e significa mudar o passado (os mortos não estarão em segurança enquanto o inimigo vencer) para que nunca mais se repita. Ou, como ouvi meu pai, diante do rabino, na cerimônia religiosa de falecimento da sua irmã, alguns anos atrás, diante da constatação de que não havia dez pessoas - o mínimo exigido para um ato religioso judaico – dizer de modo claro, alto, tranqüilo: *“contem os mortos”*.

Escavar e recordar: ruínas de um depoimento



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Sobreviver ao trauma não é jamais tarefa simples e não se reduz a escapar da morte. Pois como sobreviver, conservando a dignidade, a ética e a moral de um ser humano em um meio que os desumanizava? Kupferberg, tratando desse tema, indaga: “*como construir uma narrativa, um passado que escapou àquele que o vivenciou, um domínio sobre a real causa do trauma, quando nos ghettos e nos lagers o sujeito se viu reduzido à condição de coisa?*” (2010, p. 111). Tal ética a – destruição da falsa ordem e construção de novo espaço mnemônico – situa assim a memória em uma perspectiva que se coloca contra o perigo do esquecimento e de encobrir a narrativa que apresenta o triunfo dos vencedores (Seligmann-Silva, 2008).

Todorov (1997), analisando a vida moral nos campos, daqueles que encaravam o extremo face a face, mostra como, nem heróis nem santos, eram pessoas comuns que mantinham sua dignidade em meio e apesar da fragmentação, da despersonalização e da resignação.

“*Não há heroísmo em sobreviver*”, ouvi de meu pai em muitas cerimônias e celebrações, diante de relatos ufanistas. “*E não precisamos que tenham pena de nós.*” “*E como se sobrevive?*”, perguntei a ele em uma ocasião? A resposta “*por intuição*” se entrecruzava aos muitos sentidos da frase “*nem herói, nem vítima*” por ele tantas vezes repetidas. Contudo, esta reflexão pode talvez levar a uma trilha perigosa, porque longe de tentar compreender, nesse texto, os porquês – seja de calar ou falar, silenciar ou testemunhar e sobreviver ao trauma contando, seja de manter valores éticos apesar de – o objetivo é registrar o processo de rememoração e os sentidos escovados nos depoimentos e na escuta.

Em 1997, a Fundação Spielberg colheu depoimentos de sobreviventes do Holocausto em várias partes do mundo. Ao todo foram ouvidas cinquenta mil pessoas. Os trechos transcritos no item a seguir foram retirados do depoimento de meu pai.⁵ Antes, vale registrar um episódio que marcou o momento da pesquisa: ainda que sempre tivesse contado muito sobre a guerra e a Shoah (em todas as refeições, todos os dias na semana) meu pai e quase todos os seus amigos sobreviventes, moradores da cidade do Rio de Janeiro, se recusaram inicialmente a dar depoimentos para os pesquisadores da Fundação, o que me deixou intrigada e mobilizada.

⁵ Kramer, Szyja. Transcrição do Depoimento em vídeo “Survivors of Shoá” (1’55’), 9 de Julho, 1997. Versão Integral, Rio de Janeiro; Idioma: Português. A entrevista tinha a seguinte distribuição de tempo: meia hora de relato sobre a vida antes da guerra; uma hora sobre a guerra e a deportação; meia hora sobre a vida depois da guerra e a migração para o Brasil. Nos minutos finais, a família foi chamada para ser apresentada. O material se encontra nos arquivos do Museu do Holocausto em Washington e no Yad Vashem, Jerusalém. O objetivo era traduzir, editar e tornar o material acessível em museus virtuais.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

“*Como e por que – perguntava a mim mesma e a ele também – se durante toda sua vida seu motivo foi contar, agora que a oportunidade se apresenta a decisão é não contar!?*” Num segundo momento, os possíveis entrevistados sugeriram que o presidente da Sherit Hapleithah (Associação dos Sobreviventes) falasse em nome dos outros. Em conversa com a coordenadora da pesquisa, ponderei se mais do que esquecimento ou desejo de não lembrar a questão não seria de legitimidade: quem se outorgava o direito de perguntar? Quem teria ou tem o direito de ouvir? Por que agora? E o que será feito com o material colhido, com as palavras, as peças, os fatos narrados? Depois de idas e vindas, a Fundação decidiu preparar o presidente da Associação para ser o entrevistador. Todos então, homens e mulheres, concordaram em dar seus depoimentos.

Chialé: narrador e colecionador

Para Benjamin, na modernidade “*as experiências estão deixando de ser comunicáveis. (...) A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção.*” (1987a, p.200-201). Mas meu pai sempre narrou. Falar da guerra, depois da guerra era sua condição de vida, sua prática, sua ética. Inúmeras vezes, indagava se amigos da escola, estudantes da universidade ou colegas de trabalho “*sabiam*”. O verbo na sua indagação se tornara intransitivo, não sendo preciso explicitar o que, de que ou de quem “*sabiam*”.

A lucidez de seu depoimento à Fundação Shoah, a organização de seu pensamento, a lembrança de datas, nomes, endereços e situações foi comentada por todos os que assistiram ao vídeo e considerada como indício de que sobrevivera àqueles longos anos sem perder a consciência, como foi o caso de muitos que, estraçalhados pelos que passavam, foram submetidos a uma desorientação brutal (Gagnebin, 2008, p. 13). *O cronista é o narrador da história*” diz Benjamin no mesmo ensaio O Narrador (1987a, p. 209). E continua, na tese 3 de Sobre o Conceito de História: “*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história*”. (1987 a, p.223). Nunca me foi difícil compreender este fragmento, porque os pequenos acontecimentos cotidianos eram atravessados pelos grandes acontecimentos da Shoah. O cotidiano se fez história ao vivo.

Mas como trazer a narrativa de meu pai, insinuando o horror sem explicitá-lo? Suas falas seriam como peças de uma coleção; seu processo, como mostra o filósofo, o de escavar e recordar: “*Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um*



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo”. (1987b, p.239). Das dezenas de páginas transcritas do depoimento, mostro – neste texto - poucos pedaços deste solo escavados.

O solo e os fatos espalhados na rememoração misturam-se aos sentimentos de então. Meu pai nasceu em Ostrovic, a 170 km de Varsóvia. “Quando estourou a guerra eu tinha 14 anos. Fiquei alegre porque ia ver uma guerra de verdade. Mas pouco tempo depois, cinco ou seis meses, vi o que era uma guerra de verdade. De seis da noite até de manhã, por exemplo, ninguém podia ficar na rua. Eles matavam quem saísse na rua (...) Senti muito medo.”⁶

Os “fatos” (aspas colocadas como em Benjamin) seriam apenas como camadas entregues à exploração cuidadosa do narrador.

“A guerra estourou no dia 1º de setembro de 1939. Era uma sexta-feira. Lembro do dia. Na quinta-feira de noite entraram uns três tanques. Observaram para ver se ninguém atirava e no dia seguinte vieram tanques de todos os lados, cercando a cidade. Entraram e colaram nas paredes, em polonês e alemão, avisos de que quem saísse de noite ia ser morto. Logo depois começaram os trabalhos forçados. Meu pai teve a barba arrancada. Ele tinha barba grande, de religioso. Então resolveu se consultar com o rabino. Quando voltou para casa, guardou a barba num papel e guardou no armário. Quando morresse, deveríamos colocar a barba no túmulo.”

A barba arrancada de meu avô - que não conheci e que nunca teve um túmulo - habitou meus sonhos e indignação de adolescente. Hoje são como alegoria da intolerância e do aniquilamento. “Quando começaram as deportações, ninguém sabia o que eram. Falava-se em Treblinka, mas ninguém sabia o que era Treblinka, Oswiecim⁷. Diziam que estavam matando nesses lugares, mas ninguém acreditava. Como poderia haver crematórios e câmaras de gás? Não entrava na nossa cabeça que se matava assim desse jeito”.

A seguir, trabalho escravo: “Para não me acontecer nada, minha família fez minha carteira de trabalho e eu só tinha 16 anos. Fizeram a carteira como se eu tivesse 18, porque só aceitavam trabalhadores [na fábrica] com mais de 18 (...) Saí de casa com um pedaço de chalá [pão judaico], só para ir trabalhar de noite e voltar no dia seguinte. Quando cheguei na praça, vi muitas pessoas, todo mundo com mala, sacos de roupa, e eu com a roupa do corpo. A cidade estava às escuras porque desligaram a luz. Desligaram tudo e nós fomos para a fábrica.”

⁶ Este trecho e os seguintes estão em Kramer, Szyja Transcrição do Depoimento em vídeo “Survivors of Shoá” (1’55’’) feito no dia 9 de Julho, 1997. Versão Integral, Rio de Janeiro; Idioma: Português.

⁷ Oswiecim em alemão é Auschwitz. O município no sul da Polônia tem hoje cerca de 43.000 habitantes, a sessenta quilômetros a sudoeste de Cracóvia. O nome alemão Auschwitz é um referente claro aos campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau, construídos nesta localidade pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Gueto. *“Depois da deportação para Treblinka, em 1942, fizeram três ruas em volta do cemitério. Era isso que pertencia ao gueto. Quando voltamos da fábrica, depois de duas semanas, já entramos no gueto. Minha antiga casa era perto desse gueto e eu fui ver. Já tinha uma família de não-judeus morando lá. A nova dona da casa até falou ‘pode levar o que quiser’. Mas eu não levei nada, só pensei que alguém ainda poderia estar vivo, alguém poderia ter se escondido, mas não tinha mais ninguém.”*

“Fatos” - nada além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.

“Nesta época já se falava em Auschwitz, em polonês Oswiecim. E ninguém acreditava. Falavam que era o lugar em que colocavam pessoas na câmara de gás e depois queimavam os corpos. Mas ninguém acreditava, não entrava na nossa cabeça. Agora, depois de tantos anos, todos já se acostumaram com isso, que bateram, mataram e colocaram nas câmaras de gás... Mas no começo, ninguém acreditava. Como é que poderiam matar tantas pessoas por nada?”

O sentimento de não acreditar, revolvida a terra e espalhado o solo, retornava na entoação do narrador como se ainda não possível crer, embora as pessoas tivessem se acostumado. As atrocidades tornaram-se fatos. *“Ficamos no gueto, mas depois eles me cortaram da fábrica. Passei a ser ilegal. No começo de 1943, morávamos no gueto e eles construíram alojamentos perto da fábrica, para aqueles que trabalhavam lá. Iam liquidar o gueto”.*

O depoimento dá voltas – método é desvio; a faísca do tempo intenso da memória traz mais uma vez os destroços:

“em 1941, antes do gueto, ainda morava em casa e meus pais ainda estavam vivos. Falaram que ia ter um discurso para curiosos que quisessem escutar; não disseram o que era. Quando chegamos, fomos cercados, levados até a estação de trem e para Lublin, Rua Lipova, número 7. De lá, nos mandaram para Belzec⁸. De lá mandavam trabalhadores para onde precisavam de operários. A gente cavava e construía uma estrada.”

A escavação aqui não se constitui em metáfora ou alegoria. Escavar era o trabalho daquelas pessoas tornadas escravos. No relato, a memória do que viria depois resignificava o que tinha sido vivido antes. *“Belzec não era um campo como Auschwitz. Dormíamos em alojamentos, era tudo no chão, não tinha cama ou beliche, nada disso. Belzec depois virou campo de extermínio, mas quando estive lá, era só cavar e consertar a estrada.*

⁸ O campo de Belzec ficava à sudoeste do Distrito de Lublin, perto de Belzec, pequena vila de uma linha de trem em Lublin-Lviv. No início dos anos 40, os alemães criaram campos de trabalho no distrito, fortificações na fronteira com a União Soviética, desmontados em outubro de 1940. O campo de extermínio foi criado para a morte de judeus, ao lado de uma estrada de ferro, a 400 metros da estação de trem de Belzec e 50 metros à leste da linha de trem Lublin-Lviv. Trabalhadores de Belzec construíram câmaras de gás e barracas, de novembro de 1941 a fevereiro de 1942.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Imagens desprendiam-se de suas conexões mais primitivas ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de um entendimento tardio, como torsos na galeria do colecionador. (Benjamin, 1987b, p.239). *“Chamaram o nome de ‘Rosemberg’ e eu corri. Vi que ele não estava e disse ‘eu estou aqui’. Como ninguém se apresentou, eu era o Rosemberg. Liquidado o gueto em 1943, meu pai ficou no alojamento em Ostrovic, na fábrica “barracas grandes, 400 em cada barracão, beliches de três. E lá fiquei até junho de 44, quando nos levaram para Auschwitz”.*

Quando chegaram em Aushchwitz, o trem ficou parado a noite toda e eles no trem. Foram alojados no campo, no lugar de dois mil ciganos levados para o crematório. Número no braço B5.000. Assinaram papéis se declarando comunistas. *“eu nem sabia o que era comunista naquela época... E deram o uniforme listrado. (...) Assinamos muitos papéis. Não sei por que para sermos mortos precisávamos assinar tantos papéis.”* A crítica e a ironia fina presentes agora, e naquele tempo? Campo de ciganos, arame farpado, nosso barraco, *“Em que se trabalha aqui?”*. *Aqui ninguém trabalha; aqui se morre queimado. A gente pensava que ele estava louco, que estava há muito tempo lá e enlouqueceu. “Como não se trabalha aqui?”*. *“Não estão sentindo cheiro?”*, respondeu. *“Está maluco?”*, perguntei. *Infelizmente, logo depois, a gente soube que era crematório mesmo. Ficamos nesse campo por duas semanas.”*

Sua pergunta *“Por que não bombardearam Auschwitz, iam salvar muito mais gente?!”* fica sem resposta do entrevistador. Quem a poderia responder? De Auschwitz foi levado para Buna (a fábrica), depois Oranienburg e Flossenbürg - de onde a lembrança traz restos de sopa e vinte e cinco chicotadas. *“Fiquei deitado e me levaram como se puxa um couro não corticado, uma pele”* (...). *E de lá, em cada lugar em que estive só pensava ‘tenho que sair daqui, não sei se em outro lugar vai ser pior, mas tenho que sair daqui’*. De Flossenbürg para Leonburg, perto de Stuttgart, onde *“fiquei com febre, muita febre. De Leonburg nos levaram para Meldorf, perto de Munique”*. Quem dirigia era sempre a Gestapo. De lá, para Munique *“porque os americanos bombardearam a estação de trem de Munique e os trilhos saíram do lugar. Nos levaram para consertar. Achei um pedaço de carne e ficava com ela o dia inteiro porque fazia saliva. Cheguei a guardar para o dia seguinte. Estou me lembrando disso agora, tanto tempo que não lembrava”*. Se é útil avançar em escavações segundo planos, é também indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. (Benjamin, 1987b, p.239).

Abril. No trem para Dachau durante quatro dias. *“Pelo dia 25 ou 26 de abril de 1945 vimos casas com bandeiras brancas penduradas, como se fosse uma capitulação. Uma casa tinha, a outra não tinha”*. Soldados gritavam *“Friede, friede”*: a guerra acabou. Mas ainda



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

morreram muitos. Calor e sede insuportáveis. *“Deus nos mandou uma chuva, ainda bem. Como as paredes dos vagões eram feitas de tábuas horizontais, ficamos de lado porque a água corria e pegamos as gotas para beber.”* Não vai acontecer nada porque a guerra acabou. Isso foi do dia 30 de abril para o dia 1º de maio. *“Estávamos livres.”*

Meu pai não completou a viagem até Dachau, de onde ninguém saía. Foi a Dachau em 1970, quando conseguiu juntar dinheiro para uma viagem internacional, porque queria seguir aquela estrada até o fim. A origem era o alvo?

Em 1945, de Dachau para Munique. Dois anos ainda na Alemanha e um na França, até 1947. Nome para a Cruz Vermelha, família no Brasil. *“E comecei a receber cartas (...). Em 1946, meu irmão mandou uma chamada para vir para o Brasil, mas a imigração estava fechada e não me deixariam entrar [três irmãs e dois irmãos vieram para o Brasil nos anos 20, antes da segunda guerra].”* Mas veio e entrou. Ficou morando na casa da minha irmã até casar. *“Eu trabalhava vendendo na rua como ambulante. A diferença que eu vi aqui no Brasil! Meus sobrinhos estudavam sempre com colegas não-judeus. Era como se fossem irmãos. O Brasil nos aceitou como se fôssemos brasileiros. Era como dia e noite. Até hoje, graças a Deus, nunca senti anti-semitismo nenhum, nunca senti isso”.*

Ao final do vídeo, Chialé mostra fotos: do seu pai e mãe (retrato que as irmãs tinham de antes da guerra); sua com a mãe e as duas irmãs que morreram nos campos; duas irmãs que vieram morar no Brasil, ainda na Polônia, acompanhadas do irmão; com amigos que estiveram com ele no vagão; uma foto de 1945, quando a guerra acabou, com parte dos que estiveram com ele no campo de concentração e outros que passaram a guerra escondidos indo ao cemitério; sobreviventes depois da guerra, com crianças que ficaram escondidas, também indo ao cemitério; foto do seu irmão que saiu da Polônia em 1937; com a esposa, filhas, genros, netos e sobrinho que apresenta para a câmera.

Sentido da vida, moral da história? Em cada peça desta coleção a totalidade se revela. Descontextualizadas, as cenas e trechos falam desse narrador e colecionador de histórias, discos, CDs, músicas, piadas, anedotas, cartas, que sempre gostou de cantar e dançar, amante da vida, de se vestir bem. Sua experiência lhe ensinou que se sobrevive por intuição; se vive movido por afeto e se mantêm a lucidez caminhando, cuidando da saúde, lendo, estudando e jogando.

De família chassídica (ortodoxos que no leste europeu que professavam a religião com alegria, música e dança), inserida na cultura idish, polifônica, pluringue destrocada naqueles anos, ele se tornou homem da cidade; de apátrida, naturalizado brasileiro, vibrante com o futebol



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

e o carnaval. Ligado no mundo, vários noticiários de rádio ou televisão e jornais em português e em idish eram/são frequentes na sua casa.

Para ele a família sempre foi tudo. Minha mãe, as filhas (minha irmã e eu) e sobretudo os netos. “*Quem tem netos não tem o direito de sentir tristeza*” escutei muitas vezes esta declaração de amor aos netos aprendido da sua mãe. Minha avó que eu não conheci chorara por ter netos de papel: sabia que os tinha pelas cartas enviadas do Brasil para a Polônia muito antes da guerra.

Inquietações, mais que conclusões

“*Minhas recordações estão imersas no vermelho*”, diz Elias Canetti (1987, p. 11), no livro autobiográfico “A língua absolvida: história de uma juventude”. A memória da infância é, para ele, uma imagem que tem cor. Também para Proust, ao falar Sobre a Leitura, “*o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares em que as fizemos*”. (1989, p. 24). E assim poderíamos continuar com a cortina branca de Pasolini (1990), a janela do filósofo Walter Benjamin, que separava seu mundo burguês e o de fora ou o armário que guardava, na linha enrolada e na dobra do vestido, a tradição de uma cultura que se desmanchava em ruínas (1987b).

Minhas recordações estão imersas em azul: uma letra B, maiúscula, e um número 5000 estiveram presentes, também entre sorrisos e sabedoria, histórias da tradição judaica contadas entre piadas e personagens inventados. Meu pai é/foi contador de anedotas, centro das atenções em reuniões, casamentos e festas de aniversários, que se alternavam com livros, idas ao teatro, televisão, desenhos vistos no cinema, mas também documentários sobre campos.

A história produzia inquietações: por que a humanidade permite que o desenvolvimento científico e tecnológico, ao invés de redundar na melhoria da vida das pessoas, contribua para excluir, escravizar e eliminar aqueles considerados diferentes? Nesse contexto, haveria espaço para uma educação a contrapelo? (Kramer, 1993). Aos poucos, compreendi que nazismo e ideia de progresso da modernidade são complementares, não antagônicos.

Por outro lado, muitos intelectuais, filósofos e artistas, perseguidos e subjugados por sua posição política e sua relação com a arte, se perguntavam como seria possível contar, depois. Pensadores e artistas de diferentes matizes políticos e ideológicos - comunistas, socialistas, humanistas, frankfurtianos, surrealistas (representantes do último instantâneo da inteligência européia, diria Benjamin em um ensaio escrito em 1929) - denunciavam e se indagavam sobre como seria o mundo e a educação das pessoas “após Auschwitz” (Adorno, 1995) e como



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

conseguiriam contar o que viam e viviam. No livro “A escrita ou a vida”, Jorge Semprun, traz um diálogo entre intelectuais italianos, franceses e espanhóis de esquerda, quando se encontravam confinados no campo de concentração de Buchenwald, durante a segunda guerra mundial. Perplexos com o que assistiam, se indagavam sobre como seria possível contar:

“Imagino que haverá uma quantidade de testemunhos⁹ ... Eles valerão o que valer o olhar da testemunha, sua acuidade, sua perspicácia. E, além disso, haverá documentos. Mais tarde, os historiadores recolherão, reunirão, analisarão uns e outros: farão obras eruditas. Onde tudo será dito, anotado... Onde tudo será verdade... salvo que faltará a verdade essencial, a qual nenhuma reconstrução histórica jamais poderá alcançar, por mais perfeita e onicompreensiva que seja. Os outros o olham, balançando a cabeça, aparentemente serenados ao verem que um de nós [um deles] consegue formular os problemas com tanta clareza. - O outro tipo de compreensão, a verdade essencial da experiência não é transmissível... Ou melhor, só o é pela escrita literária.(....) Pelo artifício da obra de arte, é claro!” (Semprun, 1995, p. 126).

Para esses intelectuais - que com angústia se perguntavam como contar de modo que fatos, imagens, cheiros, horrores não os fizesse parecer fictícios ou inventados - a consciência da verdade só poderia vir com a arte, a produção e a expressão estéticas, e não com relatos científicos ou documentos. Segundo eles só seria possível contar aos outros, para que acreditassem nos relatos como verdade, com literatura, arte, linguagem e imagem artísticas. Como em Benjamin, os relatos deveriam ser como ruínas, peças da galeria de um colecionador.

Meu pai, como muitos, não acreditava no que via, não podia crer nas evidências, no cheiro, na fumaça. Não podia aceitar. Este descrédito impregnou a ele e a muitos dos que durante aqueles anos foram sujeitos a trabalho escravo, perderam suas famílias, mas não a dignidade, nem a humanidade nem a capacidade de não acreditar. Não acreditar significa então não aceitar um destino pré-determinado e anunciado: campo de extermínio, “*aqui não há trabalho*”. Levados à última condição humana, pesando menos de trinta quilos, despossuídos, mantiveram-se humanizados não acreditando, não aceitando. Não acreditar no que se via é comumente citado como ingenuidade daqueles que se estariam entregando à morte. No âmbito desta reflexão, no entanto, parece indício de sua humanidade preservada, de sua esperança de viver.

O nazismo produziu da cultura destroços. Trabalho escravo e eliminação. Milhões não vistos como pessoas trucidadas: deficientes, homossexuais, ciganos, judeus, mortos nas câmaras

⁹ A questão da verdade do testemunho e do lugar da testemunha tem sido analisada por muitos autores. Escapa aos objetivos do presente texto – que focaliza os conceitos de narrativa e história - debater esta questão. Uma importante análise pode ser encontrada, entre outros, em Agamben (2008).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

de gás e nos fornos crematórios. Experiências científicas com mulheres. A crítica de Benjamin à modernidade e à ideia do progresso (1987a) pode ser cotejada com a de Bauman (1989) para quem somente a modernidade poderia ter produzido uma indústria de morte.

O Holocausto não foi um problema judeu ou um fato da história dos judeus, mas *“nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.”* (Bauman, 1989, p. 12). Produto de um choque de fatores emancipação do Estado político, monopólio de violência e controle social, desmantelamento de fontes não políticas de poder e das instituições de autogestão social (p. 16); conciliando fordismo (produção em série), taylorismo (administração científica) e burocracia estatal (*“estou apenas cumprindo ordens”*), numa hedionda indústria da morte, só a modernidade poderia engendrar este horror. A racionalidade prevaleceu e orientou esta indústria, não foram monstros ou loucos.

Por outro lado, para Bauman *“A importância atual do Holocausto está na lição que ele traz para toda a humanidade”* (1989, p. 236), dada a facilidade com que a maioria das pessoas, colocadas numa situação em que não existe boa escolha *“arranja uma justificativa para escapar ao dever moral (ou não consegue aderir a ele) adotando os preceitos do interesse racional e da autopreservação. Em um sistema em que a racionalidade e a ética apontam em sentidos opostos, o grande perdedor é a humanidade”* (p. 236). Mas *“o mal não é todo-poderoso. Pode-se resistir a ele.”* (Bauman, 1989, p. 236). Citando a companheira de sua vida, o autor conclui: *“A coisa mais cruel da crueldade é que desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E a mais dura das lutas é continuar humano em condições desumanas”* (1989, p. 237).

Continuar humano - ousar dizer - é impedir o apagamento do que há em mim do outro e de como somos constituídos pelos outros. Talvez aqui resida também o sentido alegórico de recusar-se a acreditar no que se vê. Ler o depoimento de meu pai – *“não se podia acreditar”* - como alegoria é perceber sua resistência à perda das relações de respeito e reconhecimento de si no outro, perpetrada pelo aniquilamento e tentativa de destruir uma cultura, uma língua, uma história, um modo de vida, valores e coletividade que a constituíam. Pedaco de uma sociedade que sequer ingressou na modernidade, o contexto em que vivia meu pai, é destruído pela Shoah que destrói a própria humanidade. A memória aguda revelava o inverossímil, verdade que não podia ser verdade. *“Ninguém acreditava, não entrava na nossa cabeça. Agora, depois de tantos anos, todos já se acostumaram com isso.”* Constatação ou acusação, devo discordar dele e a contrapelo dizer que ainda hoje, para muitos, não é possível se acostumar.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Como vimos, à representação abstrata e vazia do tempo histórico como uma sucessão infinita de pontos interligados por sua ordenação cronológica, Benjamin opõe o reconhecimento de que “*a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo vazio e homogêneo, mas um tempo saturado de ‘agoras’*” (Benjamin, 1987a, p.229). A história não obedeceria ao desenvolvimento progressivo e contínuo do tempo, mas se daria a partir da emergência das origens, concebidas por Benjamin como saltos e recortes que quebram o movimento linear e rotineiro, evolucionista, progressivo, da história oficial.

O tema e o enfoque deste texto se enraízam no entendimento de que “*existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.*” (Benjamin, 1987 a, p. 223). A rememoração do passado serve, assim, à desmistificação do historicismo que vê a história como um continuum, como progresso. Romper com essa perspectiva supõe apresentar o passado na ótica dos vencidos. Dessa forma, a volta ao passado não é/foi feita para conhecê-lo, mas para, servindo-se dele, *colocar o presente numa situação crítica.* (Konder, 1988, p 22).

Remexer em histórias conhecidas; ouvir de novo músicas nunca esquecidas; separar fotografias e anotar no verso nomes, datas e acontecimentos; ler cartas e postais escritos em idish, “*nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da lã. Era “tradição” enrolada naquele interior que eu sentia na minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade.... Tudo o que era guardado a chave, permanecia novo por mais tempo...*” Contudo, vale explicitar que meu propósito ao escavar, recordar e escovar não é – como não o era para o filósofo - “*conservar o novo e sim renovar o velho*”. (Benjamin. 1987b, p.124)

A ilusão e a privação do melhor, “*de quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho*” (Benjamin, 1987b, p.239) mostra-se assim tão importante quanto não distinguir entre os grandes acontecimentos e os pequenos. Porque os pequenos acontecimentos da tragédia individual eram/são grandes acontecimentos da tragédia humana; porque os pequenos ecoam/vam os grandes; porque cada pequeno acontecimento individual é/era um grande acontecimento.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987a.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II, Rua de Mão Única*. São Paulo, Brasiliense, 1987b.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida: história de uma juventude*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GAGNEBIN, Jean-Marie. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 9-17.
- JOBIM e SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia. (orgs). *Política, cidade e educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Contraponto/Editora PUC-Rio, 2009.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Campus, São Paulo, 1988.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo, Ed Ática, 1993.
- KRAMER, Szyja. Transcrição do Depoimento em vídeo “Survivors of Shoá” (1’55’’), 9 de Julho, 1997. Versão Integral, Rio de Janeiro; Idioma: Português.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética. Imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Relume Lumará, 1999.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas , Pontes, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Walter Benjamin: para uma nova ética da memória*. In: *Benjamin pensa a educação*. São Paulo, Ed. Segmento, 2008, (p. 48-59)
- SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. São Paulo, Companhia das Letras ,1995.